

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série Mundaréu na Argentina

Episódio #2: “A pedagogia feminista é capaz de mudar estruturas.”

Transcrição do episódio: Gabriel Marçal

Revisão da transcrição: Má Viana, Daniela Manica e Margarita Caruso Stefanini

Transcrição musical: Má Viana e Irene do Planalto Chemin

Roteiro

LEGENDA

Blocos

Sonoplastia

[Música tema: “Basta”, de La Empoderada Orquesta Atípica. Bandoneones e piano abrem o tango-canção argentino, fortemente marcado. Acompanham violinos, violoncelos, contrabaixos, flauta, clarinete, sax barítono e guitarra. As cordas alternam em graves e agudos, na levada do tango, e pausam um instante para a voz entrar. Voz feminina encorpada canta quatro vezes o título da música (Basta) subindo o tom a cada vez, lembrando um grito de protesto.

Basta, basta, basta, basta

Ya no quiero que me mires a los ojos

Pero dame... algo bueno

Que tu vida es un disgusto y ya no quiero

Compartir momentos vanos

Recordar tantas miserias]

[Sons de carro e rua, buzina]

Bárbara Trzenko [professora da UNAJ]: “Ai, mira, llego Dani”

Daniela Losiggio: *Hola, hola como estas Clarissa?*

[Cumprimentos de chegada]

Clarissa Reche: Era uma quarta feira de manhã, e tava bem cedo. Peguei um cafezinho quente e fui até o nosso ponto de encontro. Numa esquina, encontrei a Daniela e a Soraya, e juntas a gente esperou pela Daniela Losiggio, que gentilmente deu uma carona para gente lá para a Universidad Nacional de Arturo Jauretche. Lá, a Mariela Solana estava esperando por nós.

Eu sou Clarissa Reche, faço doutorado em Ciências Sociais na Unicamp e componho a equipe do Mundaréu. O episódio que você ouve agora é a conversa que nós cinco tivemos no friorento dia 5 de julho de 2023.

A universidade fica a 30 quilômetros de Buenos Aires, onde eu, Soraya e Daniela estávamos hospedadas. No trajeto pudemos ver a transformação da paisagem. As indústrias e máquinas portuárias gigantescas começaram a aparecer assim que a gente saiu da metrópole em direção ao conurbano. As *villas* também se tornaram cada vez mais e mais presentes. No circuito turístico, estes conjuntos de habitações das classes mais empobrecidas podem passar totalmente despercebido. Mas no caminho para Arturo Jauretche elas estão na beira da estrada e compõem a maior parte da paisagem urbana.

Daniela Manica: *Lembra um pouco as faculdades do sul do Brasil né? A UFRGS, esses prédios assim, todo de vidro, concreto, vidro e metal.*

Clarissa Reche: *Risos.*

Daniela Manica: *É... Mas colorido, cheio de cartazes né?*

Clarissa Reche: *É bem bonito.*

Daniela Manica: *Plataforma de concreto, as salas todas de vidro. Porque acho que era um espaço amplo, que eles tiveram que fechar né.*

Clarissa Reche: Pelos nossos descaminhos antropológicos na Argentina, em busca de conhecer e conversar com pesquisadoras sobre antropologia, ciência, tecnologia e feminismos, acabamos encontrando Daniela e Mariela por uma trilha até que comum dentro da academia. A gente soube delas por uma chamada para um dossiê temático que ambas estavam organizando na revista argentina *Ucronías*, com o título de "Gênero, ciência e poder: novas direções nos estudos feministas da ciência e tecnologia". Falaremos um pouco mais sobre o dossiê mais para frente. Foi esse interesse em comum, um interesse feminista de transformação da ciência, que acabou aproximando a gente. E conversando, a gente descobriu que também foi esse mesmo interesse que uniu Daniela e Mariela...

Daniela Losiggio: Sí. Y fue amor a primera vista... porque siempre trabajamos juntas. Somos de la misma generación, las dos somos del '84, quilmeñas, y bueno, de la Ciudad de Quilmes.

Mariela Solana: Si, creo que nos unió mucho el trabajo en torno a políticas feministas acá en la Universidad.

Clarissa Reche: Mariela e Daniela se conheceram quando foram orientadas pela mesma professora, a Cecília Macón. A Cecília é coordenadora de um grupo de pesquisa chamado SEGAP – Seminário sobre gênero, afetos e política. A Mariela é filósofa e a Daniela, cientista social. Depois, as duas se encontraram novamente, mas agora em um novo espaço: elas se tornaram docentes na Universidade Nacional de Arturo Jauretche. Hoje, Mariela é responsável pelo Programa de Estudos de gênero e Daniela é responsável pela Diretoria de Gênero, Diversidade e Direitos Humanos da universidade.

A gente conversou bastante sobre questões que perpassam essas atuações de Mariela e Daniela. Falamos sobre as possibilidades e dificuldades para a institucionalização de pautas feministas dentro da universidade, a relação da universidade com o território a partir das práticas feministas de pesquisa, sobre a importância das emoções para uma proposta feminista de trabalho científico e sobre a trajetória delas como feministas e acadêmicas.

[Tango argentino, com voz feminina:

“Recordar tantas miserias

No soporto tu mangazo”

Em evidência, cordas e piano.

“Basta, basta no te escucho”]

BLOCO 1: Conhecendo a Diretoria de gênero e direitos humanos

Daniela Losiggio: Les presento a la dirección. Acá está la dirección, es pequeña, modesta...

Clarissa Reche: Essa é Daniela.

Daniela Manica: Você é diretora?

Daniela Losiggio: Soy la directora, directora de género y derechos humanos, le contaba recién a Soraya que la dirección se creó el año pasado con la nueva gestión del nuevo rector. Y me ofreció el cargo, yo era bueno, ahí la tenemos Evita.

Daniela Manica: Evita com lencinho verde!

Daniela Losiggio: Con el pañuelo es una es una Evita profanada, pero es una Evita.

Clarissa Reche: Mariela e Daniela receberam a gente em um local que materializa o trabalho que elas têm feito dentro de Arturo Jauretche. O escritório da Diretoria de Gênero, Diversidade e Direitos Humanos é uma sala pequena, mas confortável o suficiente para abrigar todas nós. Conversamos ali por cerca de uma hora e vinte, sob o olhar contraditório

de uma “Evita profanada”, um poster grande da Evita Perón adornada com um pañuelo, aquele lencinho verde que é símbolo da luta das argentinas pela legalização do aborto. Nossa conversa começou com uma pergunta da Soraya sobre como as pesquisadoras se conheceram, e porque elas trabalhavam tanto juntas. Mariela contou para gente que quando elas chegaram na universidade, as políticas feministas ainda não existiam. A principal preocupação era justamente como fazer para institucionalizar estas pautas.

Mariela Solana: (...) al principio era muy incipiente, muy difícil...

Clarissa Reche: e essa é Mariela.

Mariela Solana: ...estábamos arrancando, no había nada y ahora está más instalado, tiene cierta trayectoria... pero al principio había que inventar todo de cero. Y ahí bueno... estuvimos muchas horas y reuniones eh pensando cómo organizar primero una red de trabajo con el territorio, especialmente para abordar cuestiones de violencia de género y después, cómo institucionalizar eso en algún tipo de programa. Y ahí arrancó el programa de estudios de género, 2015. Y bueno, y después el nuevo desafío ahora, desde el año pasado que está es esta dirección que está a cargo de Daniela...

Clarissa Reche: Daniela destacou a importância do apoio de acadêmicas feministas de uma geração anterior à delas. E falou um pouco sobre o contexto da universidade, que fica fora do grande centro urbano de Buenos Aires, numa cidade menor da região metropolitana, chamada Florencio Varela. Essa descentralização das universidades na Argentina foi um movimento similar, no tempo e na proposta, ao REUNI no Brasil. Para quem não lembra, o REUNI foi um projeto de expansão das universidades federais desenvolvido de 2007 a 2018, que criou universidades e *campi* em cidades de fora dos grandes eixos urbanos e econômicos do Brasil.

Daniela Losiggio: El Programa Estudios de Género se creó en 2015. Lo dirigía Dora Barrancos, que también, digamos, es una figura del feminismo, de la política, de la militancia feminista y los activismos, pero también de los estudios feministas. Piensen que esta es una universidad muy pequeña, muy alejada del centro de los centros, no solo del centro físico,

sino de los centros epistemológicos, digamos. Entonces, bueno para nosotras que Dora nos diga: “Sí, sí voy a dirigir el programa” fue muy importante. Y bueno, nos acompañó así, simbólicamente ya que se estaba retirando, jubilando, ¿no?.

Daniela Manica: aposentando...

Daniela Losiggio: Aposentando! Entonces, bueno, ella nos decidió acompañarnos. Y, eso fue muy importante para nosotras, también tener una visibilidad dentro de el mundo de las universidades nacionales. Así que así empezó el programa...

Clarissa Reche: Os esforços feministas na universidade sempre são uma costura entre o que está dentro e o que está fora. Por isso, Daniela contou para gente que o trabalho que fazem para combater a violência de gênero contempla tanto ações no território do entorno, quanto dentro da universidade.

Daniela Losiggio: Pero también teníamos un trabajo territorial importante. Entonces nunca el programa de estudios fue estrictamente un programa académico puramente. Nosotras teníamos un trabajo territorial con organizaciones sociales, con el tema de la violencia de género en Florencio Varela, que es un tema muy importante, porque Florencio Varela es una de las ciudades de la provincia de Buenos Aires que tiene tasas más altas de violencia de género. Entonces nuestras estudiantes, nuestras compañeras de militancia del territorio trabajan muy fuertemente el tema de la violencia de género y para nosotras siempre fue un tema muy relevante. Entonces nunca fue solamente un programa académico, tiene estas características puntuales. Nosotras empezamos a trabajar con violencia de género en el territorio, pero también dentro de la Universidad. Empezamos a pensar un protocolo de acción ante situaciones de violencia de género, en un marco federal donde todas las universidades estaban aplicando protocolos, empezamos a pensar en nuestro propio, a discutir con los distintos actores de la Universidad. Como en toda institución, hay actores conservadores, digamos con sus resistencias. Fue un momento, digamos, que duró como 1 año todo el proceso de pensar el protocolo, proyectarlo. Y bueno, estaba el protocolo, lo pudimos sancionar, creamos el equipo de intervención, todo por supuesto, *ad honorem* ¿no? todo este trabajo - *ad honorem* significa no pago, no rentado - todo este trabajo lo

hacíamos de modo voluntario, con pequeños, muy pequeños financiamientos para voluntariados de organismos estatales, bueno...

Clarissa Reche: Esta questão do financiamento foi trazida para nós em outros momentos na Argentina, e acreditamos que seja um ponto muito importante para gente pensar estrategicamente como agir. Trabalhar projetos de sensibilização para questões de gênero, raça, sexualidade, é algo que custa tempo. É trabalho. E não pode ser visto como algo voluntário. Mariela falou um pouco sobre esta situação.

Mariela Solana: por que te ponen una situación complicada y una paradoja ¿no? porque si no haces el trabajo, nadie lo hace. Y bueno, queda un espacio vacío. Pero si lo haces y no te pagan, estás asumiendo que tu trabajo no vale. Entonces es complicado, eh... una cosa, una opción y la otra son complicadas, pero me parece que con estos, con la experiencia, nos fuimos dando cuenta que no remunerar estas acciones es también una forma de de minimizarlas, de negarlas, de dejarlas de vuelta, ¿no? como en el orden de prioridad muy abajo ¿no? porque no es que no hay plata, obviamente hay problemas presupuestarios, siempre los hay ¿no? pero si hay plata para algunas cosas y no para otras, es porque el tema es la distribución. Es una paradoja. Si es como “el amor es trabajo, no pago”. No se hace por amor, se reproduce la misma lógica que con el trabajo doméstico: no se hace por amor, por amor, por amor o por activismo, por feminismo. Pero bueno, no. Hay que valorizar este tipo de trabajo.

[Tango argentino, com voz feminina:

“Basta, basta no te escucho

Ya tus versos se perdieron en lo oscuro

Pero ahorrarme... tu despecho

Que ahora tengo que buscar otro consuelo

Sos un tipo rebuscado...”]

BLOCO 2: A Lei Micaela e as intervenções feministas no serviço público

Clarissa Reche: Para conseguir institucionalizar políticas feministas dentro da universidade,

foram vários passos. Por um lado, elas precisaram consolidar um programa de pesquisa. Por outro, criar e estabelecer protocolos para orientação em casos de violência de gênero. Mas no meio do caminho, um novo desafio se colocou para as pesquisadoras, um desafio que levou elas a exercitar uma pedagogia feminista: a implementação da Lei Micaela.

Daniela Losiggio: Fue que dentro del programa, también en un momento nos pidieron que empezáramos a implementar lo que es Ley Micaela. Ley Micaela es una ley que es para capacitación en género a todo el personal del Estado, se llama así, es una capacitación obligatoria para todas las personas que trabajamos dentro del Estado Nacional. Las universidades adherimos a la Ley Micaela y entonces empezamos capacitaciones dentro de la Universidad, nuestro personal.

Clarissa Reche: Daí a Dani perguntou quem foi a Micaela...

Daniela Losiggio: Sí, Micaela era una militante de Entre Ríos, de la provincia de Entre Ríos, una militante de la agrupación “La Cándida” que digamos, fue víctima de un femicidio. Ya había hecho varias denuncias, aparte una militante muy comprometida con los asuntos de género dentro de este la militancia política y bueno, fue obviamente un golpe muy grande su muerte y a partir de este su femicidio, su papá y sus compañeras de militancia presentaron este proyecto de Ley para la capacitación en género del personal del Estado. Bajo un espíritu de que la sanción no modifica las estructuras patriarcales ¿no? Este es el espíritu de la Ley Micaela: que para que haya realmente una deconstrucción, como se dice de estas estructuras patriarcales, se necesita, bueno, modificar imaginarios, prejuicios, ¿no? Se necesita un trabajo mucho más grande y a mediano plazo y bueno, y esto es un poco la la filosofía y la pedagogía feminista. Nosotras como universitarias, si no adherimos a la ley Micaela... ¿no? O sea, tenemos una confianza grande en que la pedagogía feminista tiene la capacidad de modificar estructuras.

Clarissa Reche: As formações em gênero e diversidade na Universidade Arturo Jauretche têm caráter obrigatório para todos os funcionários. Soraya perguntou sobre as dificuldades encontradas na implementação das formações, já que uma universidade é composta por uma grande diversidade de pessoas, que estão em diferentes cargos e que atuam em

diferentes campos do conhecimento. E que muitas vezes, especialmente no caso de docentes, acham que não precisam mais passar por cursos, capacitações, formações.

Mariela Solana: Bueno, tenés de todo, como siempre, encontrás aliadas feministas en todas partes ¿no? Eh y eso es bueno para tener en los cursos alguien que siga un poco la propuesta y que no ponga tanta resistencia, pero lo cierto es que sí, hay mucha, hubo mucha resistencia. Hubo mucha resistencia de parte de otros docentes de otros institutos que a veces nos juegan con: “hay problemas de clase, hay problemas de pobreza, tenemos que poner ahí el foco, esto es secundario”. Eso apareció bastante. Y después también otra resistencia y otra forma de desestimar el problema es la cuestión de la exageración: “Bueno, me parece que esto es excesivo, ¿Hace falta tanto?”, algo que nos pasa mucho a las feministas.. Una forma de *gaslighting*, ¿no? como “bueno es un poco... están viendo violencia por todas partes. Son cuestiones de costumbres, de hábitos.” Eh y después también, eso ¿no?: “¿Quiénes son ustedes de para venir a enseñarnos cosas?”, cuando en realidad el punto de la Ley Micaela más que enseñar cosas es crear espacios para que podamos discutir entre quienes formamos la Universidad, qué tipo de Universidad queremos ¿no? Acuerdos, pactos, cómo queremos vivir en la Universidad.

Daniela Losiggio: Entonces claro, yo les pregunto: “¿qué les pareció el curso?” Es un poco provocador porque cuando entran los ingenieros y los médicos todos tan señoriales... les pregunto y se sacan la bronca ¿no? Y dicen: “No, nada. Perdí el tiempo, no me gustó. Teníamos mucho trabajo y yo no estoy para esto”. Sacan la bronca, pero hay mucha gente que al contrario no que dice: “No, me sirvió mucho. Yo tenía un prejuicio sobre las feministas, pero la verdad es que aprendí muchas cosas”.

Clarissa Reche: A capacitação dada pelas pesquisadoras busca localizar a violência de gênero dentro da universidade, abordando questões como micromachismos, violência simbólica, divisão sexual do trabalho e os protocolos de ação em casos de violências. E o processo de formação começou primeiro com as autoridades, o que para elas foi um grande desafio.

Mariela Solana: Nuestro primer curso fue con las autoridades de la Universidad y fue un desafío porque son eh quienes tienen una gran responsabilidad, eh, que las cosas sean como

son ¿no? Entonces era sentarse y mostrarle: “bueno, esto pasa en la Universidad. En nuestra Universidad, hay desigualdad de género, hay violencia, hay generización de carreras.” Entonces, bueno era el desafío de nosotras ahí plantarnos a mostrarle a las autoridades que sucedían estas cosas y bueno, pero también era pasarles un poco la pelota a ellos para que digan bueno, y cómo hacemos para transformar esta realidad y volverla mejor...

Clarissa Reche: Então a Soraya perguntou se elas se lembraram de alguma história, alguma cena dessa capacitação para as autoridades...

Mariela Solana: sí, me acuerdo de la anécdota divertida... estábamos hablando de ehm, trabajamos, por ejemplo, con comentarios, eh, que escuchan docentes o investigadoras en los pasillos, ¿no? comentarios que molestan en los pasillos.

Daniela Manica: pasillos?

Soraya Fleischer: corredor!

Daniela Manica: sim, corredor

Mariela Solana: Cosas que se escuchan al pasar, ¿no? Casos que sucedían en otra institución, pero que los usábamos para discutir violencia simbólica ¿no? Y un comentario era no sé qué linda que te queda la pollera, el vestido, como que tenés que usar más vestidos. “Qué lindo que te queda eso”. Como comentario sobre cuerpos sobre la ropa. Y me acuerdo que el rector dijo: “bueno, pero yo una vez me puse un pantalón...”

Daniela Manica: Uma calça, sim.

Mariela Solana: ... rosa y también me miraron mal.” ¿no? Como... A veces nos pasa eso con los varones que necesitan, eh, ponerse en el lugar de víctimas... como que *Simetrizar*, exactamente, y bueno, le decían: “bueno, no es lo mismo, no es exactamente lo mismo”., Igual también podía ser que haya prejuicios homofóbicos en ese tipo de comentario, pero algo que pasa muy seguido es esto, como bueno: “a los varones también nos pegan, a los

varones, también nos pasa..." Pasa mucho en estos cursos, ¿no? intentan eh minimizar la diferencia estructural que hay entre términos de violencia de género, por ejemplo entre varones y mujeres.

Clarissa Reche: Como era de se esperar, a implementação dos protocolos também foi alvo de resistência dentro da universidade. O que demandou muito jogo de cintura da parte das nossas entrevistadas.

Daniela Losiggio: Es eh esto que cuenta Mariela sobre la Ley Micaela también pasaba cuando empezamos a discutir el protocolo. Que hablábamos con actores importantes de la Universidad,; los gremios del sector de Recursos Humanos, el sector de legales. Y había una fantasía de que queríamos armar una comisaría... ¿cómo se dice? *delegacia*. Bueno una *delegacia* acá en la Universidad. Y caminábamos por la por el campus y nos hacían el ruido de la sirena, yo no lo sé, hacer que nos hacían el *giru giru giru*. Ay, la policía feminista, que es curioso porque obviamente el protocolo tiene el principio de ldel no punitivismo, porque da cuenta de los derechos, en tensión que hay en la Universidad. Los derechos de las mujeres y las diversidades, pero también de los trabajadores, de los estudiantes, el derecho a estudiar el derecho, a trabajar, entonces en la mayor parte de los casos que son estos que contaba Marie, de micromachismos, reproducción de estereotipos que vemos que es lo que mas pasa... Lo que procuramos es una ser muy creativas a la hora de la reparación, sin ser punitivistas.

[Tango argentino com voz feminina:

"Y no me vengas con el cuento

De que las minas exageramos!"

Piano e cordas em melodias que vão se alternando e diminuindo a intensidade]

BLOCO 3: Afetos feministas e transformações

Clarissa Reche: Foram os ideais políticos que juntaram a Daniela e a Mariela, mas foi em um espaço de pesquisa que esta parceria se consolidou. Retomando esta história e esse tema das pesquisas delas, Soraya perguntou para as pesquisadoras o porquê da centralidade dos

afetos para falar de gênero, para falar de violência e para falar sobre produção de conhecimento.

Mariela Solana: Para mí es imposible trabajar estos temas, no solo de violencia de género, sino cualquier tema feminista o de género de sexualidad, sin que haya algún tipo de conmoción personal o transformación, movilización de índole de personal. Son temas que afectan mucho, eh, la forma en que uno creció lo que uno aprendió como uno se maneja en el mundo. Y muchas veces, eh, trabajas temas que parecen ser objetivos o que no tienen nada que ver con una persona en particular y se lo toman como algo personal ¿no? como que es muy difícil separar, bueno... es lo que nos enseñó el feminismo: “lo personal es político” ¿no? lo íntimo y lo público cuesta separarlo. Ahí me parece que además con este enfoque que yo les mencioné antes de trabajar la vida universitaria y qué pasa en la Universidad, la gente no se siente externa, se siente muy comprometida, muy interpelada y ahí pueden surgir cuestiones afectivas que van desde celebración del curso, alegría a un rechazo muy visceral. Pero me parece que es algo que pone en primer plano todo lo que está pasando ahora con los feminismos en Argentina y en Latinoamérica, después del *Ni una menos*, El Paro de Mujeres, todas estas discusiones sobre responsabilidad efectiva, sobre no solo violencia física, sino qué tipo de micro violencias hay en los vínculos ¿no? Me parece que eso está desestabilizando la forma en que pensábamos que nos tenemos que relacionar con la gente. Ponen en duda muchas de las cosas que creíamos que hacíamos bien y no están... y generan, eh, incomodidades, ¿no? Me acuerdo en ese curso, otro docente, otro no docente, me decía que él era muy afectivo con la gente y que antes cuando daba clases cuando veía una chica que estaba mal o algo así le tocaba la espalda, le tocaba y nos decía: “pero ¿eso está bien?”. Ahora no me parece que aparecen un montón de preguntas, en donde lo afectivo claramente está en primer plano. Que hace también a que el feminismo genere cierta resistencia porque es como “bueno, me vienen a decir que la forma en que yo me relacionaba con la gente estaba mal, yo soy parte del problema”.

Clarissa Reche: Durante toda nossa conversa com Mariela e Daniela, o feminismo dentro da universidade apareceu como prática e como ação no mundo, sempre indissociável da sua dimensão teórica, e das perspectivas críticas de pesquisa. Para as pesquisadoras, estas duas dimensões se constituem mutuamente.

Daniela Losiggio: Y acá en la Universidad también aprendimos mucho en la política universitaria cómo funciona esto de los afectos porque hay un rechazo a la expresión de los afectos en los ámbitos de cogobierno. Por ejemplo, en el Consejo Superior, en los Consejos Directivos, cada vez que llevamos una discusión hay una acusación de exceso: “estas feministas excesivas, o demasiado enojonas...”. Y, bueno, se ve muy bien ¿no? que los afectos forman parte evidentemente de la política y de la política universitaria, pero hay algunos que no están permitidos y otros sí, digamos, porque no es que ellos no son afectivos, ellos nos retan, nos reprenden, nos gritan, nos corrigen. Bueno, ahí se juegan muchísimas expresiones de las emociones, pero bueno... son las que están admitidas dentro del ámbito político, ¿no? Entonces aprendimos mucho de eso, sobre todo con la discusión con paridad. Tuvimos toda una discusión sobre la paridad en las listas electorales de la Universidad que fue tremenda y ahí aprendimos mucho sobre lo que realmente pasa, ¿no? porque en general pensamos, bueno, en la tradición liberal, republicano liberal, que es anti afectiva, que rechaza las emociones del ámbito de la política... Pero en realidad hay una jerarquización de las emociones, ¿no? están las emociones vinculadas a la militancia feminista y a la lucha por los derechos que son las que son rechazadas, ¿no? Pero, después hay muchísimas admitidas como por ejemplo el amor, la empatía, sobre todo la empatía entre varones. Bueno, hay muchas emociones que están admitidas, este, la cordialidad...

Mariela Solana: Yo cuando te escuchaba pensaba... De hecho, eh, las feministas, las epistemólogas feministas recuperan la noción de amor, de empatía, de intimidad, como una forma de introducir afectos epistémicos feministas en la producción, o de reivindicar esos afectos, ¿no? En una práctica científica como es la de la ciencia moderna, sostenida y creada sobre esta base de una división entre razón y pasión, no la ciencia haciendo una disciplina racional... el método científico que depura todo tipo de emoción a la hora de producir conocimiento o que, en todo caso, lo admite en el contexto de descubrimiento, no, la curiosidad, ¡Eureka! ¿no? la alegría que te da a conocer algo nuevo, pero no en la justificación. Y a mí me interesa mucho epistemólogas feministas diciendo, no, que hay afectos a la hora de justificar el conocimiento y pueden ser recursos para producir nuevos conocimientos, como puede ser el amor y la empatía...

Clarissa Reche: Neste ponto da conversa, perguntei para as pesquisadoras qual era a importância da ciência e tecnologia para o feminismo. Mariela lembrou a chamada do dossiê que proporcionou esse nosso encontro.

Mariela Solana: Eh no sí eh. La importancia de la ciencia y tecnología para el feminismo. Hay varias formas de contestar esa pregunta. Quizás lo que ya venimos hablando acá es la cuestión más institucional, ¿no? La forma de producir ciencia, por ejemplo, en las universidades, qué pasa cuando se incorpora una perspectiva feminista, cómo se transforman las prácticas de investigación y también las prácticas pedagógicas, que eso es una parte que nosotras nos interesa mucho porque de vuelta el conocimiento situado, ver qué pasó con nuestra perspectiva feminista acá en la universidad y qué transformaciones se llevaron adelante. Eso por un lado es la cuestión más institucional, que es una parte que queremos recuperar con este dossier: como pensar qué pasa con las universidades cuando aparecen las feministas a romper todo y a crear cosas nuevas. Pero, por otro lado, también la ciencia siempre fue y - pienso en más que nada, las Ciencias Naturales - siempre fue un tema para el feminismo, porque tradicionalmente argumentos científicos fueron usados para ya sea probar la las mujeres no son iguales que los varones en términos mentales, cognoscitivos o lo que sea, corporales, físicos, fue usada para eh para la discriminación y para la opresión femenina de mujeres y de otras minorías genéricos sexuales también, pero me parece que en los últimos tiempos, especialmente en las estudios feministas de Tecnociencia y en lo que se llama Nuevos Materialismos Feministas, también hay una relación más positiva con las Ciencias Naturales, de ver como bueno, sí, hay sesgos de género, de clase, racistas en la ciencia moderna, seguro, pero también hay desarrollos científicos que pueden ser utilizados para contrarrestar el esencialismo, el determinismo biológico. Y eso para mí es un problema y un problema que nos obliga no a rechazar la ciencia, sino a apropiarnos de ella de forma tal que podamos rebatir esas posiciones con mejor ciencia.

Daniela Losiggio: hum-hum, exacto.

[Tango argentino com voz feminina:

“Calla calla ese chamuyo

Nuestros sueños se fumaron como un pucho

Ahora andate y no pretendas que te alcance un cenicero a tu mesa

Me llevaste hasta el cadalso para hacerme una mueca”]

BLOCO 4: Feminismos e trajetórias pessoais

Clarissa Reche: Nessa nossa caminhada do Mundaréu em conhecer e contar histórias sobre antropologias, feminismos, ciências e tecnologias, a gente tem escutado o quanto nós, feministas, quanto a gente é capaz de bagunçar o que estava separadinho: o que é político e o que é científico, o que está dentro e o que está fora da universidade. É que para muitas de nós, as coisas são assim mesmo, são misturadas e diversas, e a gente aposta na complexidade como forma de tornar a ciência mais objetiva. Uma pergunta que a gente fez para Daniela e Mariela, que é uma pergunta que nos engaja em todo esse caminho que estamos trilhando, foi sobre a trajetória pessoal delas dentro do feminismo, e o que veio primeiro, se foi a atuação política ou se foi a vida acadêmica. E as respostas sempre são complexas.... mas as duas ressaltaram a referência das suas mães e os desafios que se colocavam para elas todos os dias.

Daniela Losiggio: Yo tengo mi mamá feminista, tengo eso, una mamá feminista, ella fue la que me acerco a las primeras ideas feministas y bueno, después obviamente dentro de la Universidad un poco me pasa lo que le pasó a Mariela... ahora desde el 2015 y el *Ni una Menos* es difícil encontrar una compañera que se sienta lejana a las ideas del feminismo. Las hay, por supuesto, un montón, pero es difícil encontrar a una mujer que diga “no, yo estoy en contra de la lucha contra la violencia de género” o “estoy en contra de el aborto - un monton”, pero “estoy en contra de no sé de la paridad de género en el Congreso”, no es muy difícil... Las hay, por supuesto, hay un montón sobre determinados temas polémicos, como puede ser el aborto, la subrogancia de vientres que se yo algunos temas, la prostitución. Hay muchos temas que generan mucha polémica y antifeminismo, pero lo cierto es que cuando las dos empezamos en la Universidad, hace relativamente poco - somos grandes, pero no tanto-, ya somos grandes, ya no podemos decir otra cosa, pero la verdad es que cuando empezamos cada una su carrera en la Facultad de Ciencias Sociales no existía la teoría feminista. O sea, para mí fue encontrarme con teoría feminista en el ámbito de la militancia

y después con Cecilia Macón. Yo a Cecilia Macón no la conocí como docente, por que ya no es docente en Ciencias Sociales, yo la leí, leí un libro de ella que me fascinó, y se lo comenté a un amigo mío, y le dije “leí a Cecilia Macón”, y el me dijo “yo la conosco, te la presento”, y le fui a preguntar sí podía dirigirme la tesis, la Beca de Doctorado de Conicet. Y ella me dijo que sí, siempre fue super generosa. Pero... la verdad es que la leí, eso, y me encontré con un libro de ella que leí que me fascinó y bueno, y después entré en el grupo este, que es uno de los primeros, este... si... en realidad el primer espacio donde discutir teoría feminista.

Mariela Solana: a mí me gusta mucho lo que dice Sara Ahmed en vivir una vida feminista, en donde plantea que que el primer aprendizaje de feminismos en la casa o en la, en la infancia y en la adolescencia ¿no? Y yo creo que hay algo ahí, que no es de un día para el otro, sino que bueno... a veces revisando mi pasado, bueno también una madre, no se sí feminista pero sí muy...

Daniela Losiggio: autónoma...

Mariela Solana: autónoma... profesional, este discurso de que las mujeres tienen que poder desarrollarse profesionalmente, que la casa no es el destino... también una familia muy matriarcal, diría yo de donde no había casi varones porque o se fueron o se murieron, pero había muchas mujeres, entonces esos aprendizajes de la vida cotidiana y lo que también Sara Ahmed habla de la “caja de herramientas feministas”, ¿no? una aprende feminismo con estas personas y también con textos y con lecturas, incluso antes de ponerle la palabra “teoría”. Yo recordaba, no sé, lecturas de Rosa Luxemburgo, no sé cómo cosas de que una va leyendo de adolescente que de alguna forma van formando esta conciencia feminista que quizás en el momento no las llamas feminista, pero que ahora los resignificó y digo, bueno, sí. Fueron esas pequeñas huellas que fueron formando cierta configuración subjetiva que después, cuando llegué a la teoría, claro, ahí todo se fue acomodando, pero que claramente no fue de un día para el otro, sino que viene de cierta historia de de mujeres fuertes, de mujeres autónomas.

FECHAMENTO

Clarissa Reche: Para a gente foi muito instigante conhecer Mariela e Daniela e o trabalho que elas fazem na Universidade Arturo Jauretche. Conhecemos ações práticas para transformar políticas feministas em políticas científicas e tecnológicas. Ouvimos também que estas ações são baseadas no chão da universidade, o que inclui o território onde elas estão. Escutamos sobre as dificuldades e contradições de levar esse trabalho adiante, um trabalho que, como muitos outros feitos por mulheres, é muitas vezes menosprezado, diminuído e não reconhecido. Repercutir no Brasil essas histórias e os ganhos que elas nos contam, certamente servirá de inspiração para que a gente possa se mover com criatividade, amor e empatia dentro de nossos próprios espaços e territórios. Mas o cenário tem sido hoje desafiador, para não dizer desanimador, para nossas hermanas. Desde a eleição de Javier Milei, a situação da pesquisa científica na Argentina tem sido piorada de uma forma significativa: estão sem dar resultados das bolsas de pesquisa, e sem implementá-las nas datas previstas, desmontado o Conicet, e sem falar que estão agora expulsando do país estudantes estrangeiros das universidades. A Mariela atualizou a gente rapidinho sobre essa situação.

Mariela Solana: La Argentina está atravesando una situación social, económica y política muy complicada. Si bien la crisis económica, inflacionaria es previa a este gobierno, el Gobierno de Javier milei acrecentó la desigualdad social, aumentó el número de pobreza y una novedad con respecto a otros gobiernos es que los feminismos y la diversidad genérico sexual son un objeto de ataque constante en este nuevo gobierno. Tanto en la campaña electoral como tras las elecciones, el nuevo gobierno ha atacado muchos de los logros de los feminismos de los últimos tiempos, como la ley de educación sexual integral y la ley de aborto. El feminismo se convierte en la retórica de la nueva derecha en un enemigo que no solo es peligroso, sino también innecesario, señalando constantemente que la igualdad entre varones y mujeres ya existe. Y otra de las formas en que se deslegitima la lucha e las acciones de los feminismos es desfinanciando sus espacios o eliminándolos, como sucedió, por ejemplo, con el Ministerio de Mujeres y Diversidad o desfinanciando, por ejemplo, instituciones cómo Conicet o las universidades públicas, que son espacios en los cuales los feminismos producen conocimiento, ejercen la docencia, trabaja fuertemente en la extensión y vinculación con el territorio. Y también en la formación de futuros profesionales.

[Tango, piano e cordas em melodias que vão se alternando e diminuindo a intensidade. Os instrumentos seguem ao fundo.]

Voz feminina canta:

“Calla calla ese chamuyo

Nuestros sueños se fumaron como un pucho

Ahora andate...”]

Clarissa Reche: Aqui na descrição do episódio você pode encontrar informações sobre a universidade que conhecemos e nossas entrevistadas, bem como a lei Micaela, da qual elas falaram. Pode ver também na nossa página: mundaréu.labor.unicamp.br. A música dessa temporada é Basta, da La empoderada Orquestra Atípica, a que a gente agradece a parceria. A edição e a produção musical é de Nicholas Martins, da nossa equipe da Unicamp, finalização é de Gabriel Marçal. A divulgação dos episódios de Fernanda Mariah e toda a equipe do Mundaréu. Nós integramos a Rádio Kerekere de podcasts de Antropologia e recebemos o apoio da Fapesp, da Unicamp, da Fap-DF do CNPQ e da UNB. A gente se ouve no próximo episódio. Nesse mês de abril, toda semana um episódio novo na Argentina. Até mais!

[Tango argentino com voz feminina:]

“Hacete cargo piscuí

Que yo ya me di cuenta

Y una sola cosa me queda por decirte, sabes?

No te soporto más!”

Cordas e piano com melodia intensa, com destaque para a frase final da música, e instrumentos que encerram de maneira clássica e dramática o tango argentino]